

Excitação na Egrégia

Rodrigo Moraes

A sala da congregação não estava lotada. Havia cerca de trinta pessoas assistindo à defesa de dissertação da mestranda Ana Clara, incluindo seu irmão, alguns colegas da turma de Metodologia da Pesquisa, as duas sócias do seu escritório de advocacia, seus dois estagiários e meia dúzia de candidatos à próxima seleção do mestrado da Faculdade de Direito da Ufba.

Era uma manhã de janeiro. Sexta-feira subsequente à Lavagem do Bonfim, que, na Bahia, ocorre sempre numa quinta-feira. Era sexta-feira. Clara e quente. Clara e despretensiosa. De sol forte e céu azul. De uma claridade de dar inveja em qualquer fotógrafo paulistano. Era verão na Cidade do Salvador, mas a Egrégia, assim orgulhosamente chamada pelo corpo discente, ainda não estava de férias. A greve, mais uma vez, atrasara o semestre.

Na sua apresentação, de quase quinze minutos, a mestranda Ana Clara começou agradecendo cada um dos membros da comissão examinadora. Logo em seguida, adentrou no tema. Usou slides e isso irritou a professora doutora convidada de uma famosa instituição fluminense, que costuma chamar de “professor data show” quem quer que utilize slides em palestras e apresentações.

Ana Clara, mesmo quando não consultava a tela de seu MacBook Air, não exteriorizava qualquer nervosismo. Sua dissertação era sobre Erro Médico e tecia fortes críticas à enxurrada de ações indenizatórias contra médicos brasileiros, profissionais que, em sua opinião, estavam sendo aviltados pelo governo da presidente Dilma Rousseff, com o demagógico programa *Mais Médicos*. A dissertação condenava veementemente a chamada indústria do dano moral. Seu discurso combativo demonstrava inegável sinceridade.

Ana Clara tinha carisma, identidade, além de uma beleza estonteante. Estava impecavelmente bem vestida. Terninho preto básico. Nada de decote. Calçava scarpin feminino preto. Essa discrição iluminava ainda mais o seu charme. Estava perfumada. Chanel nº 5, sua fragrância preferida. E visivelmente feliz. Trinta e quatro anos de vida bem vivida. E, a despeito de tanta beleza, estava solteira. Incrivelmente solteira.

Encerrada a defesa, o presidente da comissão examinadora, também professor da Egrégia, passou a palavra para a professora doutora do Rio de Janeiro. Era a única docente que não integrava os quadros da centenária instituição baiana. Ela começou rispidamente suas considerações: “Ana Clara, eu não concordo com praticamente nada do que você escreveu. Infelizmente, preciso dizer a todas e a todos aqui presentes que o seu trabalho traz apenas a visão favorável aos médicos. É uma dissertação exageradamente corporativista. Acredito que muitos médicos do país são completamente insensíveis aos problemas sociais que afligem a população. A presidenta Dilma não está equivocada. Muitos não assumem seus próprios erros. E, não raro, graves erros. Sei que você é advogada, que defende médicos famosos

daqui da aprazível Bahia, mas um trabalho científico não pode ser assim tão tendencioso, parcial, sectário. É preciso ter honestidade intelectual. E o mais grave de tudo: seu trabalho, Ana Clara, me desculpe, contém plágio”.

Após o pronunciamento dessa palavra “plágio”, ouviu-se um tímido “pxxxiiii” na sala da congregação, que costuma irradiar misteriosa ambiência de discórdia e, como assegura um vigia espírita do turno noturno, abriga as almas de três falecidos professores do departamento de direito público, que, mesmo após décadas de seus passamentos, passam o tempo inteiro brigando entre si. A sala da congregação congrega, sim, discussões além-túmulo.

O clima de constrangimento esquentou o local climatizado. A professora doutora carioca prosseguiu nas suas duras críticas: “Nas páginas 83 e 84, você fez duas falsas paráfrases. Fez duas citações diretas e não colocou aspas. Não aspeou! Na minha visão, mesmo havendo notas de rodapé, isso é plágio. Nas páginas 122 e 123, você, novamente, utiliza duas outras falsas paráfrases. Nas páginas 131 e 132, finalmente, você repete o mesmo erro. Isso é plágio. A ausência de aspas consiste em grave omissão, que fere não somente as normas da ABNT como a lei de direitos autorais. Pois bem. Gostaria, inicialmente, de ouvi-la sobre essas questões”.

Antes de a mestrandia Ana Clara se pronunciar, seu orientador antecipou-se na defesa: “Caríssima colega, peço vênias para discordar dessa grave acusação de plágio. Minha orientanda não plagiou. Esquecer-se de colocar aspas, neste caso concreto, não é o mesmo que plagiar”.

“Como não, professor?”, redarguiu a examinadora convidada, em tom de incontido mau humor.

“Plágio existe quando se rouba, e quando se rouba intencionalmente. Inexiste, aqui, qualquer má-fé, mas mero equívoco de ordem metodológica. Os ilustres metodólogos desta Egrégia podem corroborar o que digo agora. Minha orientanda deu crédito, colocou notas de rodapé atribuindo, devidamente, as autorias. Ela construiu sua dissertação com boa-fé e dedicação. Sou testemunha de seu esforço. Ela é uma advogada que conhece de perto o tema abordado. Milita na área. Sua experiência não é meramente teórica, como a de muitos doutores deste nosso país. Essa sua acusação, *data máxima vênias*, é equivocada”.

A arguição prosseguiu. Ana Clara rechaçou, elegantemente, a ocorrência de plágio e respondeu todas as perguntas, sem pestanejar ou mostrar nervosismo. Seu ponto de vista era explicitamente em prol dos médicos. Mas o Direito não é assim? Como dizia o grande Voltaire, “não concordo com uma só palavra do que dizeis, mas defenderei até a morte o vosso direito de dizê-lo”.

Chegado o momento da deliberação da nota da candidata, o presidente da comissão examinadora pediu que os presentes se retirassem da sala da congregação, como determinam as normas regimentais. Iniciou-se, então, uma discussão entre os três examinadores a respeito do suposto plágio. Apenas a professora

convidada enxergava esse ilícito. O presidente da comissão também rechaçou veementemente a hipótese de plágio. Para ele, poderia até ser descontado, na nota final, um ponto por esse deslize de ordem metodológica. Nada mais que isso.

A professora fluminense continuava intransigente. O professor orientador, então, de maneira serena, disse à docente convidada: “A meu ver, professora, bem mais grave do que esse lapso de minha orientanda são certas coautorias de doutoras com alunos mestrandos e doutorandos, visando acumular milhas na CAPES. Eu soube, por exemplo, que existe um processo administrativo na prestigiosa instituição onde Vossa Excelência leciona. Uma ex-orientanda sua lhe acusa de roubo intelectual. De falsa coautoria. Não é verdade? Sei da existência desse seríssimo processo administrativo contra a senhora. Posso divulgar este fato, nesta sala da congregação, a todos estudantes e todas estudantas, a todo mundo e toda munda, para fomentarmos o debate sobre honestidade intelectual?”

A professora carioca, então, franziu a testa, engoliu a seco a má vontade e capitulou: “De minha parte, então, fica superada a questão do plágio. Mas continuo achando que o trabalho da examinanda não é imparcial...”.

A professora doutora costumava assinar artigos de alunos mestrandos e doutorandos. *Publish or perish*. Era o seu lema. Na sua visão, quem não publica está condenado ao desaparecimento, à invisibilidade. Acontece que ela assinava muita coisa sem ter sido coautora. Trapaceava.

Logo após o anúncio da aprovação da mestranda Ana Clara, com nota nove, o presidente da comissão examinadora disse a todos os presentes que inexistia qualquer plágio, mas leve equívoco de ordem metodológica, que seria retificado na versão final a ser depositada. Assegurou que o trabalho era de qualidade.

Já com a sala da congregação praticamente vazia, o professor orientador cochichou no ouvido de sua orientanda. “Como diz Aldir Blanc, Ana, ‘quem cita fonte é água mineral’.” Ambos riram. Ana Clara disse-lhe: “Professor, você é uma figura! Obrigada. Eu não sei como lhe agradecer”.

“Sabe, sim, Ana... Seu sorriso, para mim, já é um agradecimento. Acho que você deveria emendar logo com um doutorado. Não perca tempo, menina. Você é ainda muito nova. Não tem ainda filhos. Antes que se case...”.

E o professor orientador, completamente desorientado com a beleza de sua orientanda, e ainda indignado com a deselegância da doutora fluminense, conversou, reservadamente, com um querido ex-aluno e ex-membro da Chapa Dinheiro, chapa que disputou corajosamente as eleições para o Centro Acadêmico Ruy Barbosa (CARB), com o seguinte slogan de campanha: “Você pensa, eles viajam e a Dinheiro faz!”. Os membros da Chapa Dinheiro eram tidos como direitistas pragmáticos. Ao invés de Che Guevara, símbolo dos estudantes profissionais, sua logomarca era uma cifra.

“Essa professora doutora é mal amada”, disse o professor orientador ao ex-membro da Chapa Dinheiro. E prosseguiu: “Ela teve inveja da beleza de Ana Clara. É isso. Queria ter os atributos físicos de minha orientanda. Ser bonita, charmosa, bem-sucedida na advocacia. Esse meio acadêmico é muito complicado. É um ambiente de muita inveja. Essa professora doutora tem dedicação exclusiva, é apenas funcionária pública com alma de funcionária pública. E com um corpo de repartição oitocentista”.

E o ex-membro da Chapa Dinheiro afirmou: “Essa forasteira, professor, nem parece carioca. Mulher carioca malha, faz remo na Lagoa Rodrigo de Freitas, corre na orla, faz musculação, come açaí com granola. Essa acadêmica estressada nunca deve ter entrado numa academia de ginástica. Por isso, aquele corpo barril. Estou me formando, mas vou sugerir a seguinte proposta para a Chapa Dinheiro, nas próximas eleições do CARB: “Academia de ginástica gratuita na Egrégia! Para o corpo docente e discente. O que você acha?”

“Acho excelente. Mas só se forem criados dois novos e amplos banheiros, com potentes duchas. Porque senão vai ser um cheiro danado de morrinha em sala de aula”. E os dois riram alto.

E o professor continuou: “Se Ana Clara não cita bem, com certeza excita muito. Não acha? É melhor falta de aspas do que cabelo com caspas. Você viu o cabelo desgrenhado daquela forasteira? Aquilo, sim, é que é desleixo metodológico”.

“Nem parece carioca aquele jaburu, aquele cão chupando manga.”

“Eu até já me relacionei com ex-alunas. Não nego. Mas nunca dividi autoria de artigo científico com nenhuma delas. Quem é antiético? Me diga. Eu ou ela?”

E o seu estimado ex-aluno da Chapa Dinheiro respondeu com ênfase: “Ela, professor, é claro”.

“Essa doutora é tão obesa quando seu currículo *lattes*. O seu regime de engorda acadêmica é composto de falsas coautorias. Gordura no *lattes*, gordura no corpo. Veja só. Seu currículo é gordo em papel e magro em Direito. Ela só escreve sobre função social da propriedade. Só fala disso. Esse produtivismo imposto às universidades brasileiras gera impostoras como ela. A CAPES deveria modificar seus índices de pontuação. Artigos feitos em coautoria deveriam ser pontuados proporcionalmente ao número de coautores. Com isso, a coautoria seria fruto de uma verdadeira parceria intelectual, e não de uma parceria, truque de engorda do *lattes*. A mediocridade de tantas publicações é indiscutível. É muito *embromation* que se vê por aí. Todo esse discurso prolixo merece ir pro lixo. Essa professora carioca é capciosa, rapaz. Capciosa significa embusteira da CAPES. Ana Clara, não. Ela não é capciosa. É caprichosa, majestosa”.

“Gostosa pra porra! Professor, você não tem medo de ser processado por assédio sexual? Existe um movimento feminista muito forte lá no CARB”.

E o professor, com muita naturalidade, respondeu-lhe: “Essas feministas do CARB e do SAJU precisam ler *Os Pastores da Noite*, do

nosso imortal Jorge Amado. Lá, no início do livro, tem essa antológica frase: ‘Não se pode dormir com todas as mulheres do mundo, mas deve-se fazer esforço’.

“Essa frase é clássica!”, exclamou o partidário da Chapa Dinheiro.

“Será que essas valentes meninas vão pedir ao Ministério Público que retire o livro de Jorge Amado de circulação? Tem promotor de justiça pra tudo... Elas são contrárias até ao assóvio que os peões da construção civil fazem quando passa uma mulher gostosa pela rua. Não viu aquele cartaz da mulher menstruada? Qual era a finalidade daquela sangria pendurada na parede da Egrégia? Aquilo não é obra de arte. Sequer é arte manha”. E novas risadas ecoaram na sala da congregação, que já estava completamente vazia.

“O CARB não criou o Ranking dos Faltosos? Por que não se cria, nesta Egrégia, o Ranking dos Fodedores?”, disse o partidário da Chapa Dinheiro. E nova gargalhada ecoou na congregação, que deve ter interrompido, momentaneamente, o litígio dos espíritos desencarnados beligerantes.

No caminho de volta pra casa, o membro da Chapa Dinheiro, ao parar no sinal vermelho, pensou: “Aquela zorra da congregação tem câmara de vídeo. Fodeu. Será que conseguiu captar o som da conversa?” Ficou tenso. Seu celular estava sem bateria e o carregador estava em casa. Queria ligar para a Egrégia. O trânsito no Rio Vermelho estava terrível. Minutos depois, desligou o rádio e ligou o foda-se. Disse para si próprio: “Eu já estou me formando mesmo... Que se foda! Se a conversa parar na Internet, a Chapa Dinheiro ganha as próximas eleições. *Fuck or perish*”.